



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

O nascimento do sujeito na Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*

André Luiz de Assis



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

O nascimento do sujeito na Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*

André Luiz de Assis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a banca examinadora como parte dos requisitos necessários à graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Celso Pinho



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

André Luiz de Assis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários à graduação em Filosofia.

APROVADA EM: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Celso Pinho (Defil-UFRRJ)

Prof. Dr. Danilo Bilate de Carvalho (Defil-UFRRJ)

Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva (Depsi-UFRRJ)

Seropédica
Julho de 2016

DEDICATÓRIA

Ao senhor Martiniano de Assis, meu genitor (*in memoriam*), a quem devo a formação de meu caráter. À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, aos meus professores, aos meus colegas de turma e funcionários desta Universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus rebentos, André Filho e Andressa, ambos sempre me deram muito apoio. A senhora Elizabeth Christine, pelo auxílio nas normas da ABNT. Meu amigo Hebio Lopes, da graduação de Psicologia pelos momentos de elucubrações.

Meus sinceros e profundos agradecimentos aos meus colegas de turma, cuja turma foi à segunda de graduação em da Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Vinícius Santos, Simei Teixeira, Nalui Batista, Patrícia Boeira, Paulo Rosa, Davi Teixeira e Marcelino Kolade, pelas atividades em grupo e os auxílios nos trabalhos acadêmicos, além da satisfação de tê-los como amigos e Laio Serpa, da primeira turma de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Aos meus mestres, aos quais tenho profunda admiração e apreço. Não só aos professores da graduação de filosofia, mas também aos de licenciatura. Professores estes, que sempre se mobilizaram não só em ensinar seus conteúdos, mas que acima de tudo, comprometeram-se com a qualidade de nossa formação. A todos minha profunda gratidão! Em particular, Andrea Berenblum, Admar Costa, Alessandro Bandeira, Celso Azar, Danilo Bilate, Eduardo Gomes, Edson Rezende, Francisco Morais, Lucio Macedo, Markos Klemz, Wanderlei Silva e ao meu orientador, Luiz Celso, o qual se dedicou com muito zelo em me orientar, para que minha monografia fosse concluída.

RESUMO

ASSIS, André Luiz. O nascimento do sujeito na Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*. 2016. Trabalho de Conclusão do Curso de licenciatura em filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente monografia de conclusão de curso está dividida em quatro etapas distintas. Partindo da leitura e interpretação da Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*, pretendemos mostrar, num primeiro momento, a imbricação entre o sentimento de culpa e a formação de uma subjetividade humana. Em seguida, assinalaremos a importância do esquecimento ativo para romper o processo de interiorização da culpa. Também se faz necessário assinalar como as figuras do Estado e do Sacerdote contribuem para inibir a “livre” expressão dos instintos. Finalmente, mostraremos o surgimento de um “novo homem”, de uma “grande saúde”, de um “homem da redenção”.

Palavras-chave: Genealogia; Sujeito; Culpa; Esquecimento.

ABSTRAC

ASSIS, André Luiz. The birth of the subject in the Second Dissertation of *Genealogy of Morals*. 2016. Trabalho de Conclusão do Curso de licenciatura em filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

This monograph is divided into four different stages. From the reading and interpretation of the Second Dissertation of *Genealogy of Morals*, we intend to show, at first, the link between the guilt conscience and the formation of a human subjectivity. Then, we will stress the importance of active forgetting to break the process of internalization of guilt. It is also necessary to point out how the figures of the State and the Priest contribute to inhibit the "free" expression of instincts. Finally, we will show the emergence of a "new man", of a "great health", of a "man of redemption".

Keywords: Genealogy; Subject; Guilt; Forgetting.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 09
CAPÍTULO I -- A RELAÇÃO ENTRE CULPA E SUJEITO	p. 10
CAPÍTULO II -- A FUNÇÃO DO ESQUECIMENTO	p. 14
CAPÍTULO III -- ESTADO E SACERDOTE	p. 17
CAPÍTULO IV -- A GRANDE SAÚDE	p. 20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 28

INTRODUÇÃO

Na *Genealogia da moral* Nietzsche faz uma ampla denúncia do modo de ser da civilização, e ao procedimento assinalado pela capacidade de o homem fazer promessas, no sentido do cumprimento e obediência a regras morais, bem como a interiorização do sentimento de culpa, a gênese da má consciência, a aplicação e aceitação do castigo e, por fim, os grandes construtores desta forma de adestramento do animal-homem, criados pelo Estado e pela Religião. Nietzsche exporá a domesticação do Homem e descreverá a genealogia da consciência, ou seja, da Alma, do Sujeito, do *Cogito*. A origem da má consciência é explicada pelos instintos reprimidos que não podem se exteriorizar, e então se voltam para o interior contra o homem mesmo que possui esses instintos.

A presente monografia de conclusão de curso está dividida em quatro etapas distintas. Partindo da leitura e interpretação da Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*, pretendemos mostrar, num primeiro momento, a imbricação entre o sentimento de culpa e a formação de uma subjetividade humana. Em seguida, assinalaremos a importância do esquecimento ativo para romper o processo de interiorização da culpa. Também se faz necessário assinalar como as figuras do Estado e do Sacerdote contribuem para inibir a “livre” expressão dos instintos. Finalmente, apontaremos para o surgimento de um “novo homem”, de uma “grande saúde”, de um “homem da redenção”.

I – A RELAÇÃO ENTRE CULPA E SUJEITO

De acordo com Nietzsche, a formação do homem foi constituída pela construção de valores de uma cultura que, ao longo de sua constituição, visava o adestramento do animal-homem através de mecanismos de domesticação.

É nesse sentido que somos levados a fazer promessas. Esta é uma condição essencial para o homem viver em sociedade. A capacidade de prometer resulta de um processo de interiorização da culpa, da dívida, do dever. A promessa será responsável, como veremos, pela constituição de uma natureza humana.

Criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema do homem? (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 43).

Esse conceito está presente em todo o pensamento de Nietzsche e, por meio de uma genealogia da moral, ele formula as condições e conjunturas nas quais se desenvolveram e se consolidaram a domesticação do animal-homem através *de uma moral que trás dor e sofrimento*.

O contexto civilizatório, com a influência cristã, acaba moldando o homem, criando uma consciência culpada, o que suscita um ser letárgico e conformado com uma moral de cabresto. A liberdade dessa moral custa dor e sofrimento.

A culpa é instauradora de subjetividade. É nesse sentido que Nietzsche lança a seguinte interrogação: “Mas como veio ao mundo aquela outra ‘coisa sombria’, a consciência da culpa, a má consciência”? (Idem, p.48). Temos, assim, um processo de interiorização da culpa:

Interiorizar-se, voltar-se contra si é a maneira pela qual a força ativa se torna realmente reativa. Todos os instintos

que não têm saída, que alguma força repressiva impede de explodir para fora, voltam-se para dentro: é o que eu chamo a interiorização do homem (Deleuze, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 106).

A "consciência de culpa" ou "má consciência" relaciona-se ao conceito de dívida. "dívida material" e "sentimento ou consciência de culpa". É nesse sentido que “o aumento da consciência de dívida gera a convicção de que a culpa não pode extinguir, de que não há castigo suficiente para expiar essa culpa” (Izquierdo, A. *Friedrich Nietzsche, o el experimento de la vida*, p. 85).

Para Nietzsche, a relação entre dívida e credor permite elucidar em que condições se deu o surgimento do sujeito, da consciência, da alma. E nessa equação a importância da culpa também se mostra fundamental:

Eu sofro: disso alguém deve ser culpado’ – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: ‘Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – somente você é culpada de si! (Machado, R. *Nietzsche e a verdade*, p. 66).

A consciência da culpa tem sua genealogia na *ideia material de dívida*. Contudo, tal dívida perdeu seu caráter “de material”, a culpa ainda se sustenta em relação à dívida, mesmo que esta seja apenas no domínio do inconsciente. Sentir-se culpado, fundamentalmente, está na dívida com alguma coisa; a dita culpa faz menção à consciência da obrigação, da reparação de uma dívida, cobrada materialmente.

O importante, para a genealogia nietzschiana, é que nessa relação credor-devedor podemos vislumbrar um processo de culpabilização que leva à interiorização das forças instintivas. Como diz Deleuze,

A interioridade é uma noção complexa. O que é interiorizado em primeiro lugar é a força ativa, mas a força interiorizada torna-se fabricante de dor e, sendo a dor produzida com maior abundância, a interioridade ganha “em profundidade, em largura, em altura”, abismo cada

vez mais voraz (Deleuze, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 107).

A crítica nietzschiana ao Estado, ao Sacerdote ascético, à cultura, ao ser humano, à moral cristã se deve a mecanismo de domesticação cerceadora que resultam em um caráter torturador contra as forças expansivas que habitam no animal-homem. É nesse sentido “a consciência não é mais que do que instinto da crueldade impedindo de exteriorizar e por isso se interioriza” (Fink, E. *A filosofia de Nietzsche*, p.143). Esta condição aproveita-se da dor para estabelecer uma memória, fazendo com que as promessas, lembranças, estejam registradas na consciência do homem.

Criar um animal capaz de fazer promessas suscita o conceito de “responsabilidade”. Posto o conceito de responsabilidade, com a capacidade de prometer, o homem passou a ter uma consciência, e condições para viver em sociedade, de modo em que passou a ter condições de lembrar e cumprir os contratos sociais de acordo com essa consciência; passando a ser útil necessário.

Crueldade impar, qual Nietzsche, de um modo decisivo dirá em outro lugar; "de tudo isso resulta que a humanidade ainda se comporta ante a morte na fogueira, as torturas e instrumentos de torturas espirituais, com a mesma angustiada paciência e indecisão de outrora ante as crueldades infligidas nos corpos de homens e animais" (Nietzsche, F. *Aurora*, p.60).

Nietzsche faz-nos ver que a crueldade sempre esteve presente, até mesmo em práticas de todo tipo, tanto em torturas corporais quanto, torturas espirituais e psíquicas torturas por responsabilidades, culpas, pecados, purgatório etc. Torturas consideradas humanas e acima de qualquer suspeita, e muitas delas com a aprovação divina. “Deus, como santidade de Deus, como Deus juiz, como Deus verdugo, como Além, como eternidade, como tormento sem fim, como Inferno, como incomensurabilidade do castigo e da culpa” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p.75).

II – A FUNÇÃO DO ESQUECIMENTO

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora, ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não' penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar "assimilação psíquica"), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou "assimilação física" (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 43).

Em Nietzsche, o esquecimento é uma força inibidora e ativa, capaz de nos libertar de um círculo vicioso entre culpa e interiorização dos instintos. A cultura niilista se aproveita da dor para estabelecer uma memória, fazendo com que promessas, lembranças, fiquem registradas de forma definitiva na consciência do homem.

Criar um animal capaz de fazer promessas suscita o conceito de “responsabilidade”. Estabelecido tal conceito o homem passou a ter consciência, ou melhor, um tipo consciência, e condições para viver em sociedade, de modo que passou a ter condições de lembrar e cumprir os contratos sociais; tornando-se útil e necessário, e, nestas condições, confiável (para a sociedade).

Em suma, Nietzsche afirma que o esquecimento é uma atitude contraditória à disposição do homem em fazer promessas. A “habilidade” de o homem fazer promessas é uma tarefa conflitante perante a capacidade do esquecimento. A questão filosófica de Nietzsche reside em estabelecer uma relação entre promessa e esquecimento e o surgimento da Consciência, do Sujeito, da Alma, do *Cogito*, termos estes considerados sinônimos numa perspectiva genealógica.

Para Nietzsche, o esquecimento consiste numa ação benéfica: “Esquecer não é uma simples força inercial, como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado,

vivenciado, em nós acolhidos não penetra mais em nossa consciência”. (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 43).

A relevância do esquecimento reside em permitir o novo, na forma de produção constitucional e diferenciada da existência, que rompe com o passado e com a repetição cíclica na vida humana. A importância do esquecimento é que através dele temos uma força ativa capaz de atenuar a força do passado e aumentar a capacidade de viver o presente. Nietzsche indica as possibilidades de uma existência criadora com a condição do esquecimento. Neste sentido, notamos como o esquecimento é uma ação que permite a criação de uma nova concepção de “consciência“, como uma forma de afirmação da vida na qual se articula com a dinâmica da Vontade de Potência.

Para Nietzsche, o esquecimento é uma atividade orgânica importante para a saúde do homem e responsável pelas suas possibilidades criativas, pois é essa faculdade que consente um modo de viver espontâneo, no qual o homem exprime seus instintos, para garantir uma forma de existência saudável. Segundo Nietzsche, para o homem poder viver um modo de vida criador é preciso um funcionamento saudável de sua memória, o esquecimento, que permite a criação de novos valores e novos modos de existir. Por conseguinte, é imprescindível que exista um bom funcionamento dessa faculdade, uma vez que isso é de vital importância para um organismo saudável em harmonia com os instintos para que possa atuar de modo criador.

Quando a consciência atua desse modo, ela se abre ao novo, ao desconhecido. O esquecimento, nesse contexto tornasse de vital relevância, à medida que atua como aliado. Sem o esquecimento não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho (Idem, p.43). Contudo, o homem que não é apto em esquecer repousa na inibição degenerada de si mesmo. A referência ao conceito de esquecimento, na filosofia nietzschiana, possui suma importância, em função da representação nas

condições das forças de si mesmo. Sendo assim, o esquecimento tem uma conduta positiva ao inserir o indivíduo numa dinâmica existencial em consonância com a vida, com o novo.

III – ESTADO E SACERDOTE

De acordo com a Segunda Dissertação de *Genealogia da moral*, é possível identificar duas formas de inibir a livre expressão dos instintos (e aqui este termo não tem uma conotação meramente biológica, tendo em vista que diz respeito a uma dinâmica vital): o estado e o sacerdote.

I- Via estado: “transformação do tipo ativo em culpado” através da “força coercitiva, repressora, do estado” (Machado, R. Nietzsche e a verdade, 1988, p. 65.). A coerção social viabiliza a má consciência: “a interiorização do homem se produz quando os instintos mais potentes, não podendo se expandir por causa de uma forte repressão social, voltam sua força contra o próprio indivíduo” (Idem, p.65). “A má-consciência ou o sentimento de culpa tem, segundo a genealogia nietzschiana, uma dupla origem. A primeira é a transformação do tipo ativo em culpado que se deu com o nascimento do Estado, “a mudança mais profunda que se produziu na humanidade”. A argumentação de Nietzsche nesses importantes textos que analisam essa forma de surgimento da má-consciência se faz pela relação entre instinto e consciência. A ideia central é a seguinte: a força coercitiva, repressora, do Estado - uma tirania terrível - abatendo-se sobre uma população nômade, selvagem, livre, desvalorizou abruptamente os instintos - instintos de liberdade, reguladores da vida, inconscientemente infalíveis-, reduzindo esses “semianimais” ao pensamento, à consciência, “a seu órgão mais miserável e mais sujeito ao erro” (Idem, p. 65). “Força opressora do Estado: “também cria a alma, só que nesse caso a força não se exerce do exterior, de uns homens contra outros, visto que é o próprio homem que a exerce em direção ao seu interior, contra si mesmo” (Izquierdo, A. Friedrich Nietzsche, o el experimento de la vida, p. 79).

II- Via Sacerdote: O segundo modo de surgimento da má-consciência é a

transformação do ressentido em culpado realizada pelo padre ascético. O papel do padre é descarregar, aliviar seu rebanho do ressentimento acumulado que ele considera um explosivo capaz de destruir tanto um quanto o outro. Como se dá esse alívio descompressor? O ressentido é alguém que sofre e porque sofre procura espontaneamente uma causa - um culpado- de seu sofrimento para sobre ele descarregar seu ódio, "distrair a dor pela paixão" Esse culpado, o padre lhe oferece: é ele mesmo, o ressentido. "Alguém deve ser culpado de que eu me sinta mal!", diz o ressentido, ignorando a causa de seu sofrimento; o padre ascético lhe responde: "Tem razão, minha ovelha, alguém deve ser culpado, mas esse alguém é você mesmo; é você mesmo e apenas você que é culpado de você!". Sua culpa, sua culpa, sua culpa! dizia incessantemente o ressentido; minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa! dirá agora o culpado. É o padre que muda a direção do ressentimento. A má-consciência é o ressentimento voltado contra si próprio.

Nasce assim, segundo essa "psicologia do padre", o pecado (Machado, R. *Nietzsche e a verdade*, p. 65).

O ressentido é alguém que sofre e porque sofre procura espontaneamente uma causa – um culpado – de seu sofrimento para sobre ele descarregar seu ódio. (...) Esse culpado, o padre lhe oferece: é ele mesmo, o ressentido. (...) Sua culpa, sua culpa, sua culpa! dizia incessantemente o ressentido; minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa! dirá agora o culpado. É o padre que muda a direção do ressentimento” (Idem, p. 66).

O padre colabora para ascensão da culpa e da má consciência no sujeito. “O papel do padre é descarregar, aliviar seu rebanho do ressentimento acumulado que ele considera um explosivo capaz de destruir tanto um quanto o outro” (Machado, R. *Nietzsche e a verdade*, p. 66). O sacerdote, para a genealogia nietzschiana, fortalece a sensação de culpa: “Como se dá esse alívio descompressor? O ressentido é alguém que sofre e porque sofre procura espontaneamente uma causa - um culpado - de seu

sofrimento para sobre ele descarregar seu ódio, "distrair a dor pela paixão". Esse culpado, o padre lhe oferece: é ele mesmo, o ressentido. "Alguém deve ser culpado de que eu me sinta mal!", diz o ressentido, ignorando a causa de seu sofrimento; o padre ascético lhe responde: "Tem razão, minha ovelha, alguém deve ser culpado, mas esse alguém é você mesmo; é você mesmo e apenas você que é culpado de você!" (Idem, p. 66). Sua função é ativar a crueldade e a culpa: Sua culpa, sua culpa, sua culpa! dizia incessantemente o ressentido; minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa! Dirá agora o culpado. É o padre que muda a direção do ressentimento. A má-consciência é o ressentimento voltado contra si próprio. Nasce assim, segundo essa "psicologia do padre" (Idem, p. 65).

IV – A GRANDE SAÚDE

Como diz Agustín Izquierdo: “Os ‘instintos’ que não podem ser externalizados se dirigem para ‘o próprio homem’, de modo que a alma aumenta a sua extensão” (p. 79). Ou seja, se torna mais profunda.

Nietzsche afirmará que

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo interiorização do homem; é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que comprimido entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua a descarga para fora (???)

Daí podermos considerar que, de certa forma, a liberdade reprimida é uma hostilidade contra a própria natureza.

“A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 67-68). Nietzsche deixa bem notório que com a repressão dos instintos configura-se a interiorização do homem, o que faz nascer em si a culpa na alma a “má consciência”.

O interior humano surge a partir de uma repressão, de uma inibição, aos seus instintos. “A ‘interioridade’ é o resultado de uma perversão dos instintos” (Fink, E. *A filosofia de Nietzsche*, p. 143). A consciência surge através dos instintos não externados. “A consciência não é mais do que o instinto da crueldade impedido de se exteriorizar e que por isso se interioriza” (Idem, p. 144). Temos, assim, o ser humano em agonia. “O homem é sempre uma animal feroz, quer para o exterior, quer no seu íntimo, na tortura que a consciência inflige a si mesma” (Idem, p. 144).

Em Nietzsche, o instinto é força vital do ser humano e essa força inibida se volta contra o próprio ser homem. “A interiorização do homem se produz quando os

instintos mais potentes, não podendo se expandir por causa de uma forte repressão social, voltam sua força contra o próprio indivíduo” (Machado, R. *Nietzsche e a verdade*, p. 65). Por conseguinte, Deleuze descreve:

Qualquer que seja a razão pela qual uma força ativa é distorcida [*faussée*], privada de suas condições de exercício e separada do que pode, *ela se volta para dentro, ela se volta contra si*. Interiorizar-se, voltar-se contra si, tal é o modo como a força ativa torna-se de fato reativa (Deleuze, G. *Nietzsche et la philosophie*, p. 146).

Nietzsche afirma a existência de dois instintos, o vital e os interiorizados. “Os instintos vitais exterminando os seus velhos instintos, nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que o inspirava” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 73). A contenção desses instintos primitivos na medida em que não puderam mais ser exteriorizados pelo homem, foram por ele interiorizados, impedindo-o de agir livremente sobre o outro.

O homem passou a agir sobre si mesmo, e por consequência, tornou-se um animal doente e fraco. Esse processo deu lugar a um homem com valores morais novos, um homem que não é caracterizado por seu individualismo, mas por ser parte integrante de uma sociedade, ou melhor, um membro do Estado. Limitar a domesticação do homem ao contexto até agora descrito tornaria o trabalho aqui realizado incompleto, pois o pensamento de Nietzsche sobre essa temática vai além das análises genealógicas do castigo. Ele parte para uma esfera mais complexa, segue em direção aos grandes construtores do adestramento do animal homem. Segundo Nietzsche, com “o advento do Deus cristão, o deus máximo, até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p.79).

O desenvolvimento do sentimento de culpa se deve ao entrelaçamento da má consciência com a noção de Deus. A interiorização da ideia de que o homem se

situa como um devedor perante Deus, se credor, tornou-se para ele instrumento de suplício, na medida em que “*apreende em Deus as últimas antíteses que chega a encontrar para seus autênticos insuprimíveis instintos animais, ele reinterpreta esses instintos com culpa em relação a Deus*” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 81).

Seria preciso outra espécie de espírito, diferentes daqueles prováveis nesse tempo: espíritos fortalecidos por guerras e vitórias, para os quais a conquista, o perigo e a dor se tornaram até mesmo necessidade; seria preciso estar acostumado ao ar cortante das alturas, a caminhadas invernais, ao gelo e aos cumes, em todo sentido; seria preciso mesmo uma espécie de sublime maldade, uma última, securíssima petulância do conhecimento, própria da grande saúde, seria preciso, em suma e infelizmente, essa mesma grande saúde! (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 78).

O homem contraiu a doença chamada “*má consciência*”, tornou-se um ser decadente, fraco e que encontrou no cristianismo um caminho de livrar-se do “castigo eterno”.

Agora, o homem tornou-se manso, útil, domesticado. Contudo tornou-se também doente devido sua má consciência, e buscou a cura de sua alma enferma. É preciso encontrar a razão, o sentido desse seu sofrer para que possa se curar. Para tanto, o cristianismo colocou em ação um servidor para ajudá-lo na sua busca, o “sacerdote ascético”, que não hesitou em tomar a seu serviço toda a matilha de cães selvagens que existe no homem, tendo a função de despertar o homem da sua longa tristeza, de sua miséria, sempre tendo como base uma interpretação e justificação religiosa (Alvez, D. *O animal homem em Nietzsche*, p. 19).

Os sacerdotes são os algozes da saúde mental do homem. A “casta sacerdotal” envenena a consciência “com a noção de ‘pecado’, essa invenção maquiavélica do padre destinada a lhe garantir a dominação universal” (Granier, J. *Nietzsche*, p. 73).

A grande estratégia do sacerdote ascético foi transformar no homem o

seu sentimento de culpa em pecado. O homem, portanto, é um pecador e ele sofre com essa condição. Desta forma, torna-se ainda mais doente. Mas é através do cristianismo, em destaque, com o sacerdote ascético, que ele vai procurar sua cura. Tal condição doentia induz o homem a constituir-se em rebanho, na ânsia de superar a depressão que o aflige. Formado o rebanho ele precisa de um pastor que o guie, pois este rebanho está doente, e ninguém melhor do que o sacerdote.

“Investiguemos as condições em que essa doença atingiu a sua mais terrível e mais sublime culminância ### veremos o que realmente surgiu então no mundo” (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p.71). Nietzsche ao expor a má consciência como uma doença, “A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida, mas uma doença tal como a gravidez é uma doença” (Idem, p. 71). Nietzsche constata a origem da má consciência que é uma doença que atinge o sujeito, o qual torna-se, cada vez mais, subjugado, impotente.

Já por tempo demais o homem considerou suas propensões naturais com "olhar ruim", de tal modo que elas nele se irmanaram com a "má consciência". Uma tentativa inversa é *em si* possível - mas quem é forte o bastante para isso? - ou seja, as propensões *inaturais*, todas essas aspirações ao Além, ao que é contrário aos sentidos, aos instintos, à natureza, ao animal, em suma, os ideais até agora vigentes, todos ideais hostis à vida, difamadores do mundo, devem ser irmanados à má consciência (Idem, p. 77).

Esses instintos reprimidos suscitam uma doença psicológica. Doença, nesse contexto, é aquilo que caracteriza a submissão, isto é, a indisposição à ação, ao que há de mais instintivo. Contrariamente, saúde é tudo aquilo valoriza, intensifica a vida, que busca sua expansão. A grande saúde em Nietzsche um contramovimento, um movimento contrário à má consciência. A inversão de valores “Essa mesma *grande saúde!*... Seria ela sequer possível agora?” (Idem, p. 78). A grande saúde virá do novo homem, aquele que será o redentor.

O homem do futuro é um sujeito distinto do homem animal domesticado: “O super-homem define-se por uma nova maneira de sentir : um sujeito diferente do homem, um tipo diferente do tipo humano” (Deleuze, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 136). Como dizer de Jean Granier: “Enfim, o super-homem é a bela individualidade radiante, cujo eu cósmico se tornou um eu cósmico” (Granier, J. *Nietzsche*, p. 115).

Nietzsche, ao falar do “super-homem”, está interessado no surgimento do ser humano fora dos conceitos de sujeição, domesticação e saudável em consciência. O homem que deixa de ser o animal doméstico e seja livre das coerções. “Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo”. (Nietzsche, F. *Genealogia da moral*, p. 78). Nietzsche anuncia a vinda de Homem livre de toda má consciência e regente de seus instintos, “ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo” (Idem).

É o além-do-homem o ultrapassamento o mesmo do homem. É o Homem da sua própria vontade. “Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância” (Idem). O Homem da vontade de potência, o homem que não foi subjugado e afetado pela moral que se impôs sobre ele.

Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que *dele forçosamente nasceria*, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada - *ele tem que vir um dia*” (Idem).

O Homem do atributo saudável, dinâmico de livre curso dos seus afetos no

uso de seus sentidos livres, o homem do inconsciente saudável. Esse “novo homem” é

o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga *da* retomar à luz do dia, ele possa trazer a *redenção* dessa realidade: sua redenção da maldição que o ideal existente sobre ela lançou (Idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da *Genealogia da moral*, Nietzsche expõe na segunda dissertação a "Culpa" e a, "má consciência". Nietzsche enfatiza que a repressão aos instintos livres e “naturais” causam a má consciência. A consciência afetada pelas formalizações culturais, da religião e do contexto social, que torna o ser humano um animal cativo, *previsível, constante, necessário*, em suma, o homem do ressentimento, como diz Scarlett Marton:

Na *Segunda dissertação*, Nietzsche examina como se comporta o homem bom da moral do ressentimento. Igual entre iguais, o ‘homem *não-perigoso*’ é, antes de tudo, uma animal ‘*previsível, constante, necessário*’, principalmente porque dele se fez alguém capaz de ‘responder por si mesmo como *futuro*’ (Marton, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, p. 84).

Nietzsche elabora um entendimento conceitual de como se deu a origem da consciência no homem através da culpa. Enfatiza o valor ativo e positivo do esquecimento. Para Nietzsche, a subjetividade foi estabelecida por meio da dor. Assim sendo, o ser humano descobre o castigo como condição de pagar o sentimento de culpa, perante Deus. É a obrigação entre credor e devedor, adequação feita pelos sacerdotes das barganhas feitas fazendo de Deus o credor que favorece a vida e os favorecimentos graciosos em troca de um ser humano obediente aos seus ensinamentos.

Nietzsche expõe a perversidade da cultura, das sociedade imposta pelo Sacerdote. Os instintos reprimidos e não exteriorizados acabam se voltando para dentro do indivíduo, fazendo nascer a má consciência, e em um eterno conflito entre o desejo e repressão de si mesmo, levando-o ao adoecimento. O remédio para sobreviver a tal culpa é a experiência do esquecimento e de todo peso culposo depositado por meio da dor. O homem será redimido de todas essas mazelas, unicamente por meio de um novo

homem, “o que está para vir”. É o além-do-homem, o ultrapassamento do homem. Como diz Nietzsche, é o Homem da sua própria vontade, ou ainda, a nosso ver, o Homem com a *consciência* saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. M. D. O animal homem em Nietzsche. **Revista Lampejo**, n. 4, 2013.

Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-/artigos/Artigo2_Diany%20Mary%2015%20a%2026.pdf

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

_____. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1962.

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. 2ª ed. Lisboa: Presença, 1988.

GRANIER, J. **Nietzsche**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

IZQUIERDO, A. **Friedrich Nietzsche, o el experimento de la vida**. Madri: EDAF, 2000.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. 2º ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo Cesar Sousa. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

Nietzsche, F. **Aurora**. Tradução de Paulo Cesar Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VEIGA-NETO, A. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.